

G. MINAS

Produções Áudio-Visuais Ltda.

Belo Horizonte,
29 de abril de 1993

Ao Programa BANESPA de Incentivo
à Produção Cinematográfica

At. da Vice-Presidência do
Banco do Estado de São Paulo

Praça Antônio Prado, 5 - 6º andar

SÃO PAULO - CAPITAL

1. G.MINAS PRODUÇÕES ÁUDIO-VISUAIS LTDA., empresa cinematográfica sediada na cidade de Belo Horizonte, vem, por intermédio de seu diretor e cineasta Geraldo Santos Pereira, requerer a inscrição do projeto de filme de longa-metragem, em cores "Eastmancolor", intitulado O CANGACEIRO E O SAMURAI, no Programa BANESPA de Incentivo à Produção Cinematográfica.

O projeto consubstancia-se em dois volumes: no primeiro, apresentado em quatro vias, estão incluídos diversos elementos que o informam, tais como Sinopses nas línguas portuguesa, inglesa e japonesa; Orçamento de Produção, em cruzeiros e dólar americano; documentos constitutivos da empresa proponente; comprovante de registro de direitos autorais; "curriculum vitae"; Cronograma de Produção, Aplicação de Recursos; Análise Técnica preliminar, etc.

O segundo volume, igualmente em quatro vias, contém o Roteiro Técnico completo, com descrição da ação dramática em ordem cronológica de desenvolvimento, além de diálogos em português e na língua japonesa, estes devidamente traduzidos para nosso idioma.

2. Em atenção ao que prescreve a letra h do item 3.3 do Programa, manifestamos o compromisso de adquirir ou alugar equipamentos, materiais, bens e serviços técnicos de empresas sediadas no Estado de São Paulo, em, pelo menos, 50% (cinquenta por cento) do orçamento reservado a esses itens.

G. MINAS

Produções Áudio-Visuais Ltda.

Também assumimos o compromisso de veicular a imagem do Banco do Estado de São Paulo em situações inerentes ao desenvolvimento dramático do Roteiro, mediante consulta prévia ao Banco.

Desejamos, finalmente, tendo em vista o que preceitua a letra i do item 3.3, manifestar o compromisso de colaborar no aperfeiçoamento e formação de novos valores, mediante contratação de estudantes-estagiários, alunos de estabelecimentos de ensino superior da área de cinema, ou similar, sediados no Estado de São Paulo.

Finalizando, queremos consignar nosso entusiástico aplauso pela significativa e importante medida do BANESPA, apoiando de forma pioneira o soerguimento de nossa combatida indústria cinematográfica.

Nestes termos, assinamos, com estima e admiração,

G.MINAS PRODUÇÕES ÁUDIO-VISUAIS LTDA


Geraldo Santos Pereira

Em Belo Horizonte: Rua Contria, 454 - Prado
Tel. (031)334-7526

No Rio de Janeiro: Rua 5 de Julho, 63 ap. 703
Tel. 236-7560.

O CANGACEIRO E O SAMURAI

Argumento Cinematográfico

de GERALDO SANTOS PEREIRA

S i n o p s e

1. Em 1935, após receber como pagamento de dívida, uma fazenda de gado no interior da Bahia, o japonês Massao Takeda deixou São Paulo, onde residia com a mulher, Kimie, e foi radicar-se naquela região dominada pelas caatingas e, na década de 30, flagelada por violentas incursões dos bandos armados de cangaceiros.

Morrendo-lhe a esposa, Massao ficou só numa região áspera e bela. Resolveu, então, chamar do Japão um sobrinho, também agricultor, que desejava tornar herdeiro de seus bens.

Kyoshiro Takeda, recém casado com a jovem e bela Sayuri, embarcou na companhia da esposa e da mãe, viúva, chegando por volta de abril de 1936 ao porto de Salvador, trazendo, entre outros pertences, uma bela e trabalhada arca antiga, a que dedicava cuidados especiais.

Recebido com emoção pelo tio, Kyoshiro, Sayuri e dona Mari atravessaram a parte baixa de Salvador, despertando a curiosidade pitoresca dos baianos, e embarcaram num velho ônibus, a caminho da vasta propriedade rural, conhecida como "Fazenda do Japonês".

A presença juvenil e delicada de Sayuri, com a voz bonita e o som nostálgico do shamisên, que ela executa ^{na}graciosamente, despertou no velho Massao reminiscências que, com o correr do tempo, transformaram-se em admiração e inquietude, pois a moça possuía grande semelhança com Kimie, quando jovem.

Também como Massao, o capataz da fazenda, o baiano Antônio Garcia, homem rude, calado e másculo, foi particularmente atraído pelo fascínio e o encanto de Sayuri.

A "Fazenda do Japonês", sob o impulso da juventude e, especialmente, da competência e capacidade de trabalho de Kyoshiro Takeda, prosperou e diversificou-se, permitindo, sem grandes dificuldades, rápida ambientação dos nipônicos na vida rural nordestina. Conservaram, contudo, os velhos e tradicionais hábitos da civilização milenar japonesa, criando, com isto, um pitoresco e curioso contraste de duas ricas culturas e tradições populares.

Enquanto, por exemplo, a família japonesa comemorava, no interior da casa-grande, o "Tanabata-Matsuri", antiga e tradicional festa rural do Japão, os baianos, para retribuir-lhes a gentileza pela distribuição de doces e pratos típicos, realizaram, no galpão da fazenda, uma rudivosa demonstração de Candomblé, no qual, representando Ogün, Antônio Garcia era a principal e impressionante figura.

As duas festas, alternando decoração, ritmos, melodias, cantos e danças na quente noite sertaneja, pareciam exaltar o misticismo de duas raças e aprofundar o antagonismo que, desde algum tempo, vinha separando Kyoshiro de Antônio Garcia.

Certa noite, na ausência de Kyoshiro, em viagem de negócios, o velho Massao e Sayuri, envolvidos pelo fascínio da noite do sertão, foram à varanda e lá recordaram nostalgicamente a pátria distante. Massao, transportado para o passado e vendo, na imaginação, a linda Sayuri transformar-se em Kimie, quando moça, caminhou em sua direção, dominado pelo desejo, excitado e feliz. Sayuri, assustada, temeu-o e, a certa altura, retirou-se para o quarto, enquanto Massao, alquebrado pela vergonha, o remorso e a humilhação, fechou-se no quarto, escreveu uma carta e se matou.

2. Assumindo, com a morte do tio, a propriedade da fazenda, Kyoshiro despediu secamente o antigo capataz.

Antônio Garcia, calado, foi apanhar os pertences, a viola, a indumentária do Candomblé, o facão e a imagem de Santo Antônio. Depois montou no cavalo, que fez questão de comprar de Kyoshiro, e partiu pela estrada de terra.

Quilômetros adiante, à beira do caminho batido pelo sol forte,

deparou com um cangaceiro ferido, pedindo socorro. Foi ajudá-lo. Antes de morrer, o cangaceiro pediu-lhe para avisar a família, moradora na cidade de Manga Rosa, e dar ciência de sua morte ao chefe do bando Aparício Meireles, famoso em todo o Nordeste, vagando pelos lados da Chapada da Ema.

Cumprindo o prometido, Garcia encaminhou-se para Manga Rosa, levando, inocentemente, o fuzil, a cartucheira, o bernal e outros pertences do cangaceiro. Ao cruzar a praça de Manga Rosa, o ex-capataz foi violentamente agarrado por soldados do destacamento e, aos berros e sãfônões, confundido com bandido de cangaço, jogado na cela da prisão.

Espancado e humilhado, guardando um ódio surdo e impotente, Garcia, dias mais tarde, conseguiu escapar, saindo à procura do bando de Aparício Meireles, ao qual se juntou, definitivamente, iniciando nova fase de sua vida.

Enquanto isso, na fazenda, a terra se cobria de novos cultivos, o gado e outras criações se multiplicaram, projetando o nome e o prestígio de Kyoshiro Takeda.

Certo dia, na ausência do fazendeiro, que partira em viagem a Salvador, a propriedade foi inesperadamente invadida pelo bando, agora chefiado por Antônio Garcia, que substituíra Aparício Meireles, morto em combate com a Polícia.

Liquidando, em pouco tempo, a resistência de alguns empregados, Antônio Garcia invadiu a casa-grande e foi ao encontro de Sayuri. Um de seus homens, divisando a mãe de Kyoshiro empunhando perigosamente uma arma, abatê-la com tiro certo. Sayuri desfaleceu, amparada por Garcia, que apanhou, num armário, o belo e vistoso traje trazido do Japão, e que tanta admiração despertava nele.

Garcia carregou-a então nos braços, montou e, antes de partir, pediu a Pedro Roque, o novo capataz, que informasse a Kyoshiro que viera buscar sua mulher. Depois esporeou o cavalo e se afastou, levando no selim a japonesinha aterrorizada.

3. Regressando de viagem, Kyoshiro deparou com o quadro trágico: morta a mãe e seqüestrada a esposa. Fechado em ódio, calado e determi-

nado, o japonês mandou preparar um animal e, antes de partir ao encalço de Sayuri, apanhou no interior da casa a velha canastra, que amarrou na garupa do cavalo.

Depois partiu, só, sem nenhuma arma de fogo, iniciando uma longa, dramática e patética perseguição que atravessou o sertão da Bahia e penetrou no território de outros Estados nordestinos.

Metido em roupa sertaneja, chapéu de palha na cabeça, os pequenos olhos fincados na distância, Kyoshiro avançava, sertão a-dentro, prescrutando pistas, decifrando detalhes, enquanto, com alternância de ação dramática, o bando de Antônio Garcia cruzava o Nordeste, despistando, fugindo ou, vez e outra, enfrentando os soldados do Governo, criando uma legenda de sangue e violência.

Ao lado de Garcia, montada num cavalo baio, Sayuri nada dizia, vestindo saia e blusa de desenhos coloridos, um largo chapéu de palha na cabeça, protegendo-a do sol causticante. Garcia, invariavelmente ao lado dela, a certa altura falou, pausadamente:

- Quando vosmicê ordenar, dona Sayuri, largo tudo isto. A gente vai para São Paulo, viver vida decente. Não quero ser bandido, me entenda.

A japonesinha nada respondeu, fitando-o enigmática, quase irônica.

Enquanto isso, noutro ponto do sertão, Kyoshiro prosseguia, infatigável, sua busca obstinada. Nada o detinha, na voragem da vingança: nem o sol que castigava, nem os espinhos que lhe rasgavam a pele e a roupa. Avançava sempre, penetrando nos cerrados de macegas altas, transpondo as caatingas espinhentas sob o céu sem núvens, cruzando a fronteira com o Piauí, passando ao lado de Caracol, Raimundo Nonato, cortando o rio Piauí, no ponto atravessado, antes, pelo bando de Antônio Garcia.

Ferido numa refrega com os soldados, Garcia desfaleceu e, quando voltou a si, encontrou-se, só, num canto do mato. Compreendeu, então, que Sayuri fugira. Mas, pouco depois, ouviu ruídos de passos, e avistou Sayuri que, trazendo uma cuia com água, viera tratar-lhe o ferimento.

Posteriormente, convalescendo num lugarejo afastado, que o bando, reagrupado, tomou de assalto, Sayuri entrou no quarto onde Garcia

repausava. Trazia um prato de sopa, que depositou numa mesinha de cabeceira. Antes de afastar-se, suavemente como chegara, o cangaceiro deteve-a com a mão.

Sauyri se voltou, deixando-se atrair por Garcia, que a tomou nos braços, estendeu-a na cama, beijou-lhe os cabelos, o rosto, a boca. Depois retirou-lhe vagarosamente a blusa, o soutien, a saia, beijando-lhe todo o corpo alvo e delicado.

Fora, na rua comprida do lugarejo, precariamente iluminada, um mendigo caminhava, pedindo esmola com a voz cantada e sofrida:

- Gente, o miserê tá demais nesta vila! Mas, quem sabe o povo de Garcia não me dá um esmolão? Custa pedir?...

Atraído pelos ruídos que os cangaceiros faziam numa pensão de mulheres, o cego foi em sua direção, com a pitoresca cantilena:

- Vai ver os cabras tão tudo no cabaré. Meus irmãos, me dêem uma esmola, por obra de caridade! Meus irmãos, me dêem uma esmola!

4, No dia seguinte, pela manhã, o bando de cangaceiros deixou a cidadezinha, que ficou de novo vazia e silenciosa.

Pouco a pouco, no entanto, foi voltando ao normal, e sua triste população, ainda assustada, comentava a invasão, retomando sua humilde ocupação.

Eis quando, surgindo num extremo do arraial, Kyoshiro Takeda foi chegando com seu cavalo e sua canastra, reverberando ao sol forte.

Desceu à rua principal, transitada pelos moradores, alguns também a cavalo, aproximou-se de um empório, desmontou, pediu água, comprou milho para o animal, tornou a montar e, tranqüilamente, atravessou o vilarejo e se afastou.

A perseguição continuou, então, tenaz é implacável, com Kyoshiro agora seguindo de perto o bando inimigo, deslocando-se como sombra, cauteloso, examinando pegadas e detalhes que indicavam a passagem do bando.

Depois de escapar de uma volante policial, o bando de Garcia embrenhou-se no mato e se aproximou, ao anoitecer, de uma região menos árida do Norte baiano.

E lá, numa depressão do terreno, local de vegetação mais densa, o bando armou acampamento, enquanto Kyoshiro, que seguira por equívoco as pegadas da volante policial, retomava o caminho certo, ao encalço dos cangaceiros.

No valhacouto, ao anoitecer, o bando acendeu fogueiras, em pontos estratégicos do capão de mato. E se entregou às suas ocupações normais, costurando roupas e bornais, lavando-se com água trazida de um riacho, perfumando o corpo, lustrando os cabelos com brilhantina, limpando o pelo dos cavalos, jogando partidas de "suecas", "três-sete", "trinta-e-um" e "sete-e-meio", contando dinheiro, etc.

Num canto, avistava-se a barraca de Sayuri, armada entre umbuzeiros. No centro do acampamento, dois cangaceiros iniciaram a capoeira, ritmada por berimbaus e pandeiros.

Foi quando Kyoshiro Takeda se aproximou do valhacouto, escondido entre árvores. Apeou e, cuidadosamente, evitando ser percebido pelos vigias, foi espionar o esconderijo dos bandidos.

Havia, finalmente, alcançado seus grandes inimigos. No rosto dele, tenso e fechado, pairava uma expressão indisfarçável de prazer, retesando-lhe a energia no esforço de confronto e vingança.

Voltou depois para junto do cavalo, preso no galho de uma árvore. Desamarrou então a canastra e a transportou a um capinzal. Apanhou depois uma chave e abriu a fechadura do móvel.

Ergueu a tampa da arca e, de seu interior, retirou cuidadosamente uma velha indumentária japonesa, deixando ver, no fundo, sinistra, uma espada samurai, guardada em bainha.

Num pequeno compartimento da canastra viam-se papéis, fotografias e documentos amarelecidos pelo tempo.

Com o traje, retirado da arca, dobrado sobre suas mãos, Kyoshiro caminhou alguns passos, colocou-o sobre a raiz de uma árvore e, em seguida, sem pressa, como num ritual, retirou a camisa de fustão, sem colarinho, a calça de brim cáqui, as botinas sertanejas, o chapéu de palha.

Depois, com certa solenidade, seminu, começou a vestir a indumentária japonesa, larga e ampla, e que lhe recobriu todo o corpo como um traje sacerdotal.

Uma nova e surpreendente figura ressurgiu, então, naquele canto escondido, deslocada na paisagem noturna do sertão.

Extravagante, quase irreal, ali se produziu a estranha transmutação do mito guerreiro do Oriente para a terra tropical. O ritual ganhava carne, reatando a lenda, transfigurando o homem e o incorporando à nova realidade.

Em lugar do fazendeiro, pacato e nativo, ali se compunha, com solenidade hierática, a figura fantástica do guerreiro medieval, o olhar cortante, preparando-se para a luta de vida e morte.

No acampamento, alheios à presença solitária do japonês, os cangaceiros continuavam os afazeres, dançavam a capoeira, com suas gingas e negaças, estimulados pelos gritos e o estímulo dos companheiros.

De seu canto, Kyoshiro ouvia o alarido dos bandoleiros e, indiferente a tudo, terminava de vestir-se. Depois foi apanhar, do fundo da canastra, a velha espada que pertenceu a seus antepassados.

Prendeu-o à cintura, à moda samurai, recolheu-se a um canto, onde fez preces, calmo e concentrado.

Estava pronto para o ato final, imagem insólita de ficção e lenda.

Caminhou alguns metros e prescrutou, pela última vez, o local do acampamento, de onde subiam vozes, gritos e ruídos da festa dos cangaceiros.

Foi quando, de súbito, sob o impulso de um salto felino, Kyoshiro Takeda, espada em riste, projetou-se no meio do valhaçouto, soltando um terrível brado de guerra.

Alcançando o solo, o japonês, como raio mortífero, arrojou-se contra os bandidos atônitos, sem tempo para se armar e se defender, muitos embriagados, a expressão bestificada.

Contra eles o terrível guerreiro se lançou, cortando-lhes o corpo, decepando-lhes a cabeça, arrojando-os ao chão, entre poças de sangue.

E movia a espada sinistra, decepando braços, pernas e pescoços, fazendo o sangue esguichar, entre gritos lancinantes.

De repente, vindo de um canto do acampamento, Antônio Garcia alcançou o local da terrível chacina. Parou, atônito, como se nada entendesse.

Sauyri o acompanhava, pouco atrás, vestindo o quimono de cores fortes, os cabelos penteados à moda oriental. Quando avistou o marido, transfigurado em samurai, empalideceu, paralisada de espanto.

Kyoshiro também a avistara. Caminhou, então, vagarosamente, na direção do casal, a espada empapada de sangue.

Garcia, por sua vez, retirou o punhal da bainha e também se encaminhou para o japonês, que o esperava, pouco adiante, espada à mão.

Na trilha sonora, antes dominada pelo som mesclada de berimbaus e tambores da tradição bélica japonesa, faz-se um grande silêncio, só se ouvindo os passos de Garcia e a respiração ofegante do samurai.

Vendo o cangaceiro aproximar-se, Kyoshiro também foi ao seu encontro, o olhar crispante, desviando-se de corpos e poças de sangue.

Acercaram-se um do outro, espada contra punhal, samurai contra cangaceiro, homem contra homem.

Ficaram a poucos passos um do outro, fitando-se nos olhos, medindo forças, reprimindo o ódio.

Ali se defrontavam duas raças, decidindo antagonismo e vingança.

Subitamente, as mãos erguendo a espada, Kyoshiro arremeteu para a frente, pronto para golpear. Mas Garcia, num átimo, desviou o corpo, ergueu também o facão.

E as armas se chocaram, aço contra aço, detidas com força descomunal, na luta de vida e morte. Num canto, expectante, Sayuri era a espectadora inútil do terrível duelo.

Na tela, ou no vídeo, a imagem de Garcia, no embate impressionante, fundia-se com a figura de Ogün e, em lugar da roupa de couro, com o lenço ao pescoço, as cartucheiras e o culote, surgia, no efeito especial, a indumentária do Candomblé, brandindo o punhal ao som forte dos atabaques, pandeiros, cabaças, agogôs e berimbaus.

Durante algum tempo, pontilhando o duelo, fundiam-se e alternavam-se sons afro-brasileiros e japoneses, violas e "shamisêns", gritos e imprecações nas duas línguas, enquanto as imagens dos contendores tornavam-se hieráticas, lentificadas pela técnica fotográfica do high-speed.

A montagem especial da sequência termina no exato instante em que o japonês golpeia mortalmente o adversário, voltando as imagens à

velocidade normal.

Cs dois contendores estavam no centro da clareira, Garcia ferido no peito, o sangue jorrando do talho profundo, Kyoshiro, terrível, detendo com força a espada, pronto para o golpe de misericórdia.

PRIMEIRA VERSÃO PARA C FINAL

Mas não o fez, ao avistar, atônito, Sayuri que viera amparar no colo a cabeça do cangaceiro em agonia.

Compreendendo tudo, Kyoshiro baixou lentamente a espada, enquanto Garcia, antes de expirar, contemplava amorosamente o rosto da japonesa, no qual o sofrimento era um traço inusitado.

Diante dela, perplexo, Kyoshiro permanecia imóvel, fixando na moça um olhar mesclado de ódio e piedade, desprezo e tristeza.

O cangaceiro deixou, então, cair a cabeça e morreu, manchando de sangue o quimono colorido da moça.

Kyoshiro recuou alguns passos, acorrorou-se, à moda oriental, colocou a ponta da espada no ventre, pronto para matar-se. Antes que o fizesse, no entanto, fixou na mulher, pela última vez, um olhar estranho e profundo. Depois juntou forças e, subitamente, enfiou a espada no ventre, tombou para a frente e morreu.

Câmera sobe, instalada em grua, ou helicóptero, e mostra a clareira juncada de corpos e, no centro, Sayuri afagando solitariamente a cabeça do cangaceiro. Começava a amanhecer, e um grande silêncio cobre a paisagem agreste do sertão.

Na trilha sonora só se ouve a batida monótona de um berim'au.

SEGUNDA VERSÃO PARA C FINAL

Depois que golpeou mortalmente o ex-capataz, Kyoshiro limpou a espada e enfiou-a na bainha. Depois, vagarosamente, caminhou na direção de Sayuri, afastada alguns metros, esperando.

E lhe disse somente uma palavra, em sua língua:

- Vamos.

Depois os dois se afastaram, subiram a colina e se aproximaram do cavalo. E ali, enquanto Sayuri ia recolhendo os pertences do marido, Kyoshiro despojou-se do traje samurai, que guardou, com a espada, no

fundo da canastra, e voltou a vestir a roupa de fazendeiro.

Prendeu, em seguida, a arca na garupa do animal, montou e ergueu Sayuri, que colocou no selim.

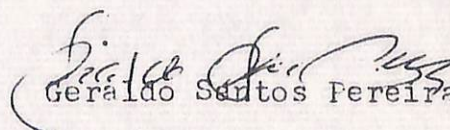
Só então partiu, tomando mais adiante o caminho de terra, que serpenteava na caatinga que amanhecia.

Na trilha sonora começa a ouvir-se a voz de um cantador nordestino, com a viola sertaneja, iniciando um ABC, relato musical da saga do cangaceiro e o samurai:

"Atenção que eu vou contar,
meu povo, preste atenção,
um ABC muito trágico
que aconteceu no sertão,
envolvendo uma família
procedente do Japão".

Enquanto Kyoshiro e Sayuri, a cavalo, se afastam na trilha que rasga a caatinga, agora inundada de sol, a voz do cantador também vai diminuindo, com a nova estrofe do ABC:

"Bendigo quem vive em paz
lavorando nas fazendas,
assim vivia um nipon
livre de todas as contendas
pensando na sua terra,
no Japão de muitas lendas".


Gerald Santos Pereira.